

*o homem
que sabia
javanês*

17ª EDIÇÃO

Copyright © Lima Barreto, 1992.

SARAIVA Educação S.A.

Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2ª andar – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Lima, 1881-1922.

O homem que sabia javanês / Lima Barreto ; projeto editorial [e organização] Samira Youssef Campedelli ; coordenação Vivina de Assis Viana ; [ilustrações Zeflávio Teixeira]. – 17. ed. São Paulo : Atual, 2003. – (Série Outras Palavras)

Inclui ficha de leitura

ISBN 978-85-7056-443-6 (aluno)

1. Contos brasileiros I. Campedelli, Samira Youssef. II. Viana, Vivina de Assis. III. Teixeira, José Flávio. IV. Título. V. Série.

92-1726

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Contos : Literatura brasileira 869.935

13ª tiragem, 2019

CL: 810500

CAE: 602594



APRESENTAÇÃO

Outras Palavras é uma série que apresenta a extraordinária experiência do diálogo entre textos.

Um conto clássico é reescrito por outros escritores, que recontam a mesma história, a partir do ponto que mais os motivou.

Daí surgem, portanto, outras histórias, diferentes umas das outras, sempre de excelente qualidade.

Neste volume, *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto, tem outras palavras de:

- João Antônio
- Antonio Barreto
- Elias José
- Lourenço Cazarré

O escritor pré-modernista Lima Barreto, autor de grandes romances e exímio contista, viveu somente 41 anos (1881-1922), mas fixou para sempre em suas narrativas a sociedade carioca do começo do século XX, em romances como *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* ou em contos como *O homem que sabia javanês*.

Lima Barreto
Lourenço Cazarré • Antonio Barreto • Elias José • João Antônio

o homem que sabia javanês

Ilustrações: Zeflávio Teixeira

Projeto Editorial: Samira Youssef Campedelli
Coordenação: Vivina de Assis Viana



Atual
Editora

O homem que sabia javanês

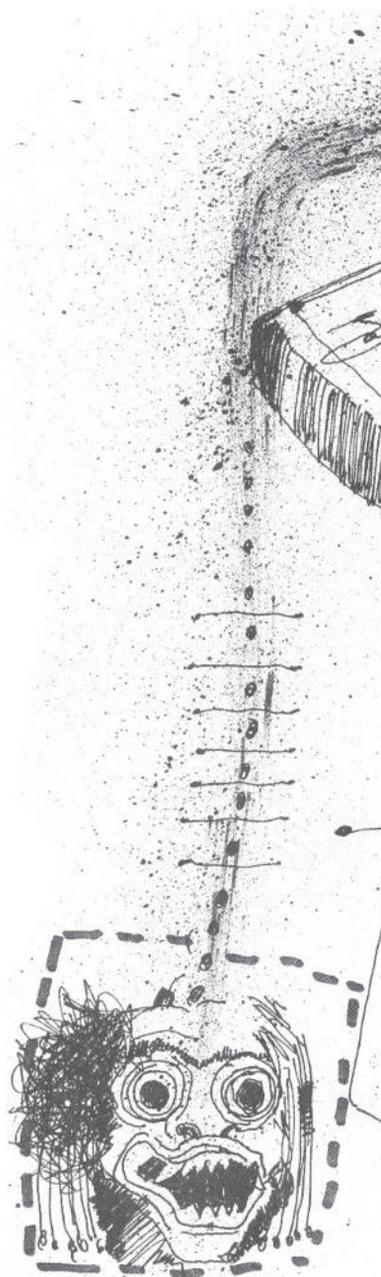
Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades, para poder viver.

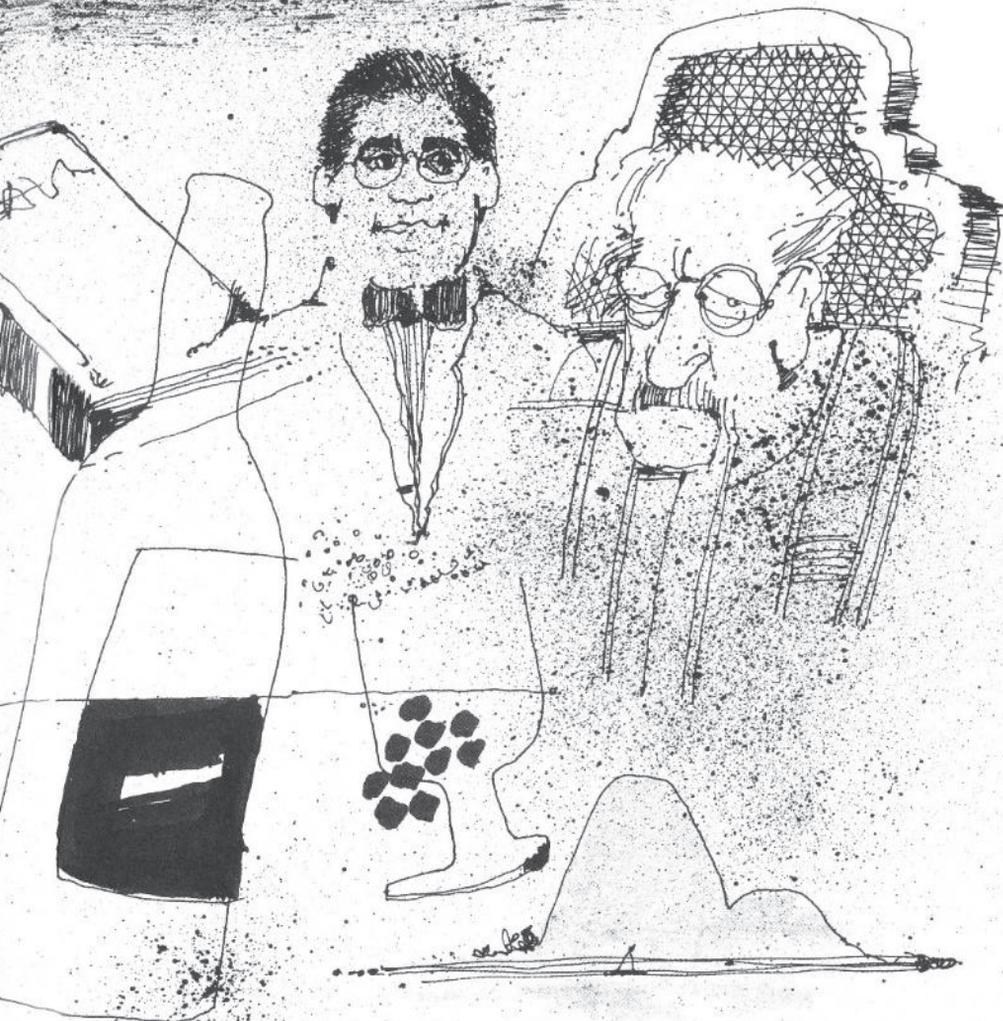
Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

O meu amigo ouvia-me calado, embevecido, gostando daquele meu Gil Blas vivido, até que, em uma pausa da conversa, ao esgotarmos os copos, observou a esmo:

– Tens levado uma vida bem engraçada, Castelo!

– Só assim se pode viver... Isto





de uma ocupação única: sair de casa a certas horas, voltar a outras, aborrece, não achas? Não sei como me tenho aguentado lá, no consulado!

– Cansa-se; mas, não é disso que me admiro. O que me admira, é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês!

– Quando? Aqui, depois que voltaste do consulado?

– Não; antes. E, por sinal, fui nomeado cônsul por isso.

– Conta lá como foi. Bebes mais cerveja?

– Bebo.

Mandamos buscar mais outra garrafa, enchemos os copos, e continuei:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no *Jornal do Comércio* o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas, etc.”

Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. Saí do café e andei pelas ruas, sempre a imaginar-me professor de javanês, ganhando dinheiro, andando de bonde e sem encontros desagradáveis com os “cadáveres”. Insensivelmente dirigi-me à Biblioteca Nacional. Não sabia bem que livro iria pedir; mas, entrei, entreguei o chapéu ao porteiro, recebi a senha e subi. Na escada, acudiu-me pedir a *Grande Encyclopédie*, letra J, a fim de consultar o artigo relativo a Java e à língua javanesa. Dito e feito. Fiquei sabendo, ao fim de alguns minutos, que Java era uma